

Seção 3

Poesia Visual Ibero-Americana 3
Animaverbivocovisualidade – AV3

Poesía Visual Iberoamericana y La
Animaverbivocovisualidade – AV3

Antonio **MIRANDA**

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda, bibliotecólogo pela Universidad Central de Venezuela (1970), Master in Information Science pela Loughborough University of Technology, Doutor em Comunicação pela ECA/ Universidade de São Paulo, Professor Titular e Emérito da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Poeta e dramaturgo, autor de mais de 40 títulos de livros de poesia, livros técnicos e ficção publicados em Português, Espanhol, Italiano, Russo e centenas de artigos científicos, resenhas, trabalhos em congressos e seminários nacionais e internacional. Atual Diretor da Biblioteca Nacional de Brasília. Dirige o Portal de Poesia Ibero-americana: <www.antoniomiranda.com.br>.

Resumo

Apresenta os fundamentos da Comunicação Extensiva e de seus elementos de animaverbivocovisualidade (conceito proposto por MIRANDA e SIMEÃO) englobando a hipermediação, a interatividade, a hiperatualização, a mobilidade, a ubiquidade e a multivocalidade, segundo os postulados teóricos de Karl R. Popper da Teoria do Conhecimento Objetivo e da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. O AV3 pressupõe uma amálgama dos recursos verbais, vocais e imagéticos conforme as capacidades criativas (poiesis) do processo criador, em sua dimensão de alma (tanto no sentido da alma criadora e estética e o uso das tecnologias na arquitetura da poesia e de outros textos. Texto ilustrado com poemas visuais e eletrônicos de autores ibero-americanos.

Palavras-chave: Poesia, visual, virtual, Multivocalidade, hipermodernidade.

Resumen

Presenta los fundamentos de la Comunicación Extensiva y de sus elementos de animaverbivocovisualidad (concepto propuesto por MIRANDA Y SIMEÃO): hipermediación, interactividad, hiperactualización, movilidad, ubicuidad y multivocalidad, siguiendo los postulados teóricos de Karl R. Popper de la Teoría del Conocimiento Objetivo y de la Teoría de la Complejidad, de Edgar Morin. El AV3 presupone un amálgama de los recursos verbales, vocales y imagéticos conforme las capacidades creativas (poiesis) del proceso creador, en su dimensión de alma (tanto en el sentido de alma creadora y estética y el uso de las tecnologías en la arquitectura de la poesía y de otros textos. Texto ilustrado con poemas visuales y electrónicos de autores ibero-americanos.

Palabras-clave: Poesía, visual, virtual, Multivocalidad, hipermodernidad.

Um Poema como Epígrafe

LÍRICA DO CIBORGUE*

*o ciborgue habita
debaixo da tua pele*

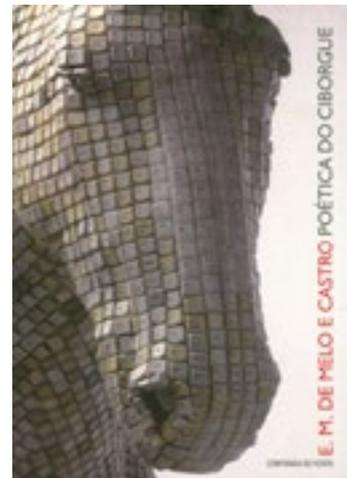
*pouco a pouco
ele toma conta
de todos os teus
sentidos e não sentidos*

*com os olhos ele vê
as cores que não há*

*nos ouvidos
músicas silenciosas*

*pela pele os toques
tocam nas coisas
imponderáveis
na boca os sabores*

* | Um **Ciborgue** é um organismo cibernético, isto é, um organismo dotado de partes orgânicas e cibernéticas, geralmente com a finalidade de melhorar suas capacidades utilizando tecnologia artificial. (wikipedia) Poema do livro *Neo-Poemas-Pagãos*. SP: Selo Demônio Negro, 2012. 2ª ed.



*sabem de cor
os desgostos do gosto
no nariz
os odores são
as dores que sobem
desde a raiz
e no todo teu corpo
eles inauguram
os movimentos
que são teus pensamentos
na mágica do leve
levitarás em breve
nos espaços
abstratos
de todos os teus atos*

*serão sutilmente alteradas
e as funções
dos teus órgãos
serão novas*

*quando já não terás
um só eu*

*mas vários eus
que nem sequer
serás*

*é com eles
que para sempre
viverás
para além do óbvio*

*Homo Sapiens Ciborgue
irmão de mim próprio*

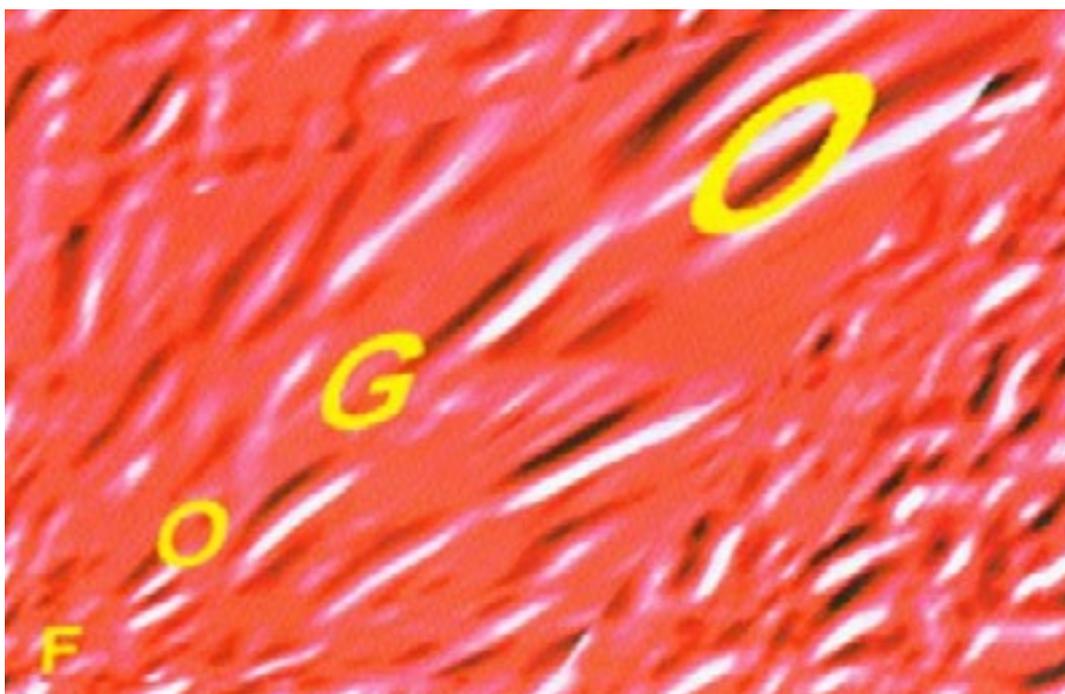
E. M. de Melo e Castro



1 – Infopoética e Complexidade

Existirá **uma poética do complexo, ou a complexidade é, em si própria, uma nova poética** que sempre esteve entre nós, mas que os computadores conseguiram revelar, assim como aconteceu com os “*atratores estranhos*” de geometria não euclidiana fractal criada por Benoit Mandelbrot? No mesmo sentido, programas como **o Photoshop possuem possibilidades inventivas de imagens complexas sempre renováveis, muito para além** dos usos pragmáticos para que foram originalmente feitos. Ou, reciprocamente, ambas essas hipóteses se interativam, porque toda a complexidade é poética, mas também toda a poética é, sempre foi, complexa. **Mas a poética exige níveis objetivos do fazer, enquanto a complexidade é do domínio conceitual.**

No entanto, ambas são categorias diferenciadas, mas indissociáveis do conhecimento e das manifestações comunicativas. Digamos então que a poética é um fazer, enquanto a complexidade é uma condição ou estado de energia. Mas quando essa energia é a própria matéria do fazer poético, como no caso da infopoesia e das poesias digitais, então a complexidade torna-se uma poética das transformações só probabilisticamente previsíveis.
(E. M. DE MELO E CASTRO, p. 10-11)



Poema Visual de E. M. de Melo e Castro

“O que parece estar em questão é a existência da Poesia, essa arte integral da palavra, enquanto força semântica capaz de denotar significados novos, formas novas do “dizer””, amplia E. M. de Melo e Castro, com o propósito de interferir no mundo real procurando “despertá-lo de seu automatismo, cada vez mais celerado via tecnologia”.

Complexidade, que propicia uma intersemiose permanente na montagem do texto poético: a questão deve ir a níveis mais profundos que dizem respeito à própria linguagem, aos *signos que utilizam hoje e que se encontram saturados, banalizados, desgastados* ao extremo para possibilitar a detonação de significados novos.” (CARLOS ÁVILA, 1993, Folha de São Paulo).

2 – Melopeia, Fanopeia e Logopeia

Visionário e vanguardista em seu tempo, Ezra Pound, em *ABC of Reading* (1934), definiu os três modos retóricos para “carregar de energia” a linguagem poética. A teoria de Pound, primeiramente apresentada no ensaio “How to Read” (1927, in *Literary Essays*, 1954), **visa criar uma espécie de semiótica para os registros possíveis da linguagem poética** que permeia todo o processo criativo.

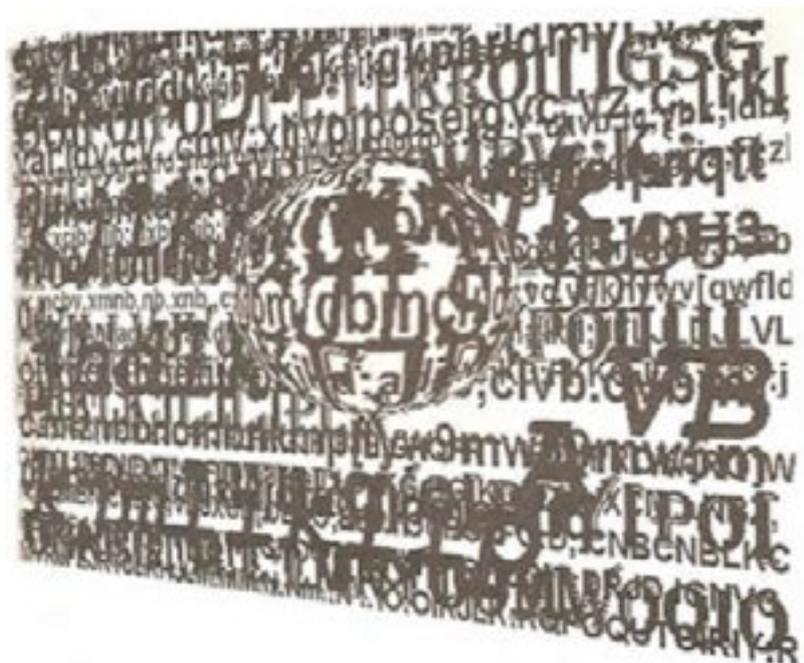
A **melopeia** é, na sua origem, grega *melopoía* («composição de cantos líricos»), é **a arte de musicar a poesia**, que significa qualquer melodia (recitada ou cantada) que nos depara o mundo criativo dos sons no texto poético. Ex. litania:

<http://www.youtube.com/watch?v=BJgzPIHeblw#t=49>

A **fanopeia** traduz **o poder visual da imagem** (“*throwing the object (fixed or moving) on to the visual imagination*”, nas palavras de Pound); é particularmente significativa na poesia visual chinesa.

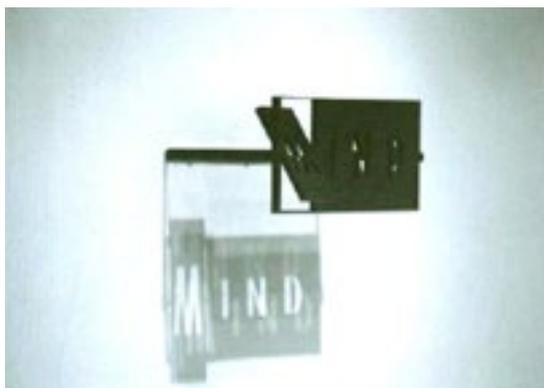


A **logopeia** deriva do grego logopoeia, “criação de palavras”, e pressupõe a **capacidade de combinação da forma e do conteúdo das palavras** o propósito de alcançar um estado estético adequado à comunicação.



Infopoesia – E. M. de Melo E Castro

“Uma sabedoria que reinventa e renomeia tudo aquilo que produz ou em que toca: POESIA, TRANSPOESIA, REPOESIA. *A infopoesia, ou seja, a poesia produzida com instrumentos informáticos que é já agora uma possibilidade, ao se instalar na realidade virtual, **equaciona as ainda algo enigmáticas relações** da interação homem-máquina. (...) Interação que **diluindo a noção de autor, ao mesmo tempo a potencia**, agora de uma forma exponencial, nas suas capacidades criativas e críticas. É que as imagens assim produzidas, ou seja, os infopoemas, ao atingirem graus de complexidade estrutural e perceptiva de outro modo impossível de alcançar, representa uma virtualização de virtualização (...)*”
(E. M. DE MELO CASTRO, P. 12-13)



WOND – MIND Arnaldo Antunes



Bento Teixeira – Poema Barroco

3 – AV3, Hibridismo e Convergência Tecnológica

As teorias mais recentes das áreas de informação e comunicação anunciam, para esse início de século, o que já foi prenunciado na filosofia e na matemática: **o aperfeiçoamento de nossa percepção das diferentes possibilidades de combinação entre elementos (registros): INTERSEMIOSES.** Paulo Leminski (1944-1989) afirmou que “aqui muitos/vários códigos interpenetram-se produzindo híbridos que são os mutantes da qualidade nova”; **através da intersemiose, cruzam-se “outras linguagens, outros códigos, outros recursos, outros meios”.**

A **animaverbivocovisualidade (AV3)** é um tipo de linguagem que se apresenta por meio da **convergência tecnológica** complementada pelo hibridismo de formatos e registros e que desperta uma ação criativa integradora de sentidos.

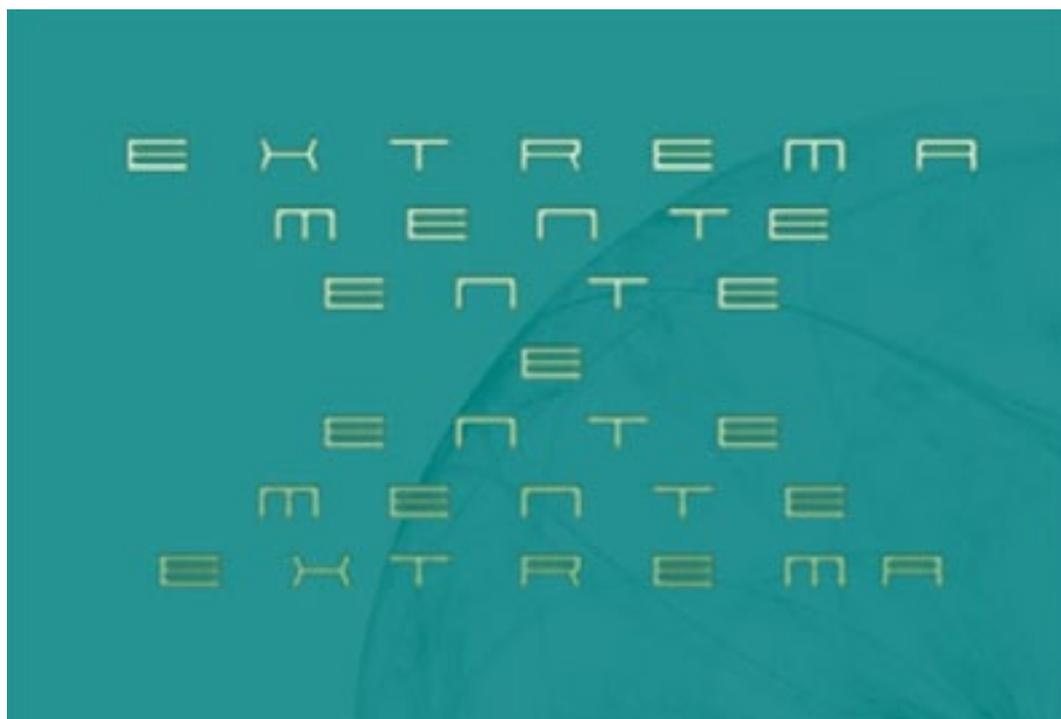
A AV3 surge nas redes telemáticas e, a partir de seus dispositivos e de nossa percepção, buscará, na rede prismática de ideias, uma combinação possível de seus múltiplos formatos. No processo de comunicação em AV3, autores combinarão cognitivamente conteúdo e forma e poderão processar **registros e comunicá-los numa arquitetura multidimensional**.

AV3, HIBRIDISMO E CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA

A AV3 é um tipo de linguagem que se apresenta por meio da convergência tecnológica complementada pelo hibridismo de formatos e registros e que desperta uma ação criativa integradora de sentidos.



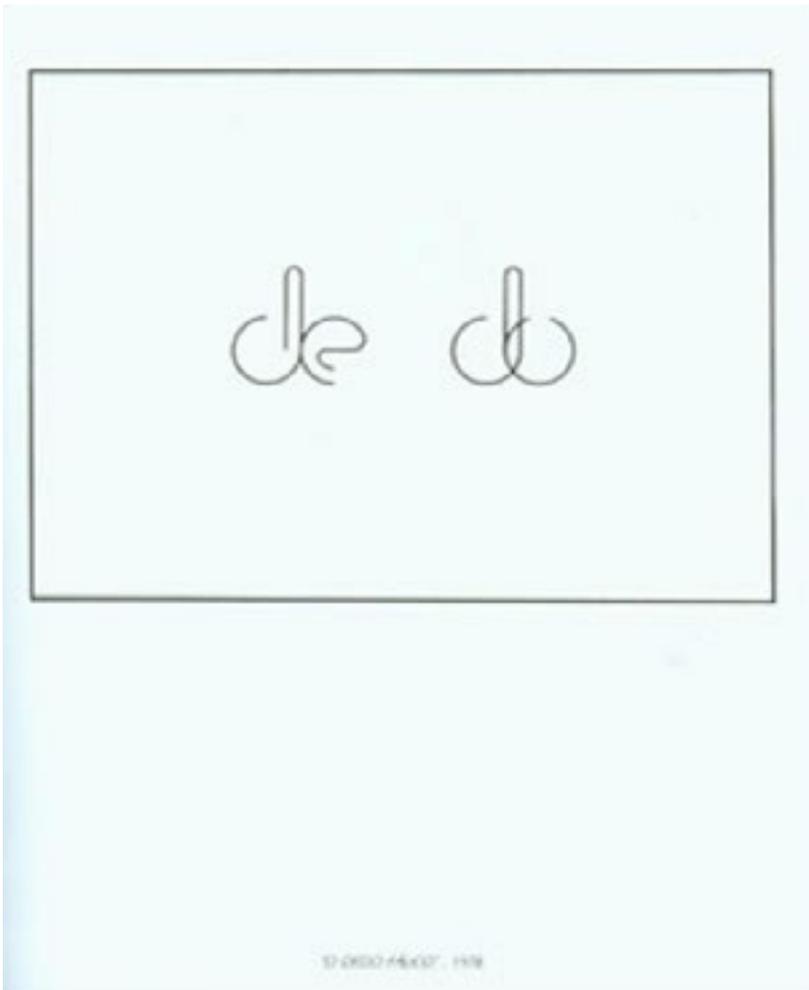
Antes havia a intenção da "**integração das artes**" (Bauhaus). Mas a tecnologia era limitada, como acontecia na inter-relação do texto, som e imagem. A verbivocovisualidade dos poetas concretistas é um exemplo dessa limitação. Mesclando texto, som e ilustração, o texto sugeria ou formava a imagem – a geometrização do verso e sua ideogramação.



Poema visual de ANTONIO MIRANDA
versão animada do poema, pelo artista gráfico Alexandre Rangel
www.youtube.com/watch?v=O8csp1L1ns8

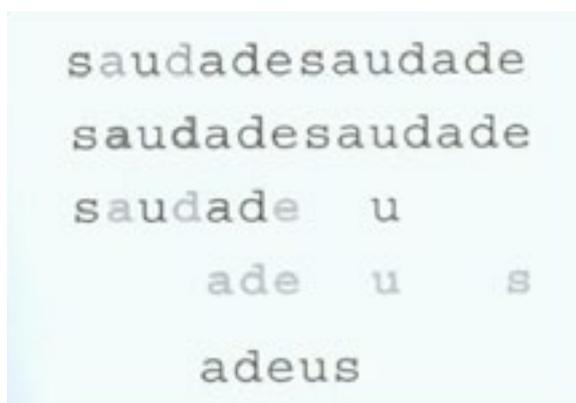
No século 21, essa atividade de “amalgamar” elementos parece mais fácil. É possível mesmo harmonizar texto, som e imagem **pela convergência tecnológica do processo digital**. E se o(s) criador(res) e autor(es) souber(em) valer-se desse recurso, pode(m) alcançar a “**ânima**”, ou seja, a (dupla) relação da *poiesis* (elemento estético, criativo) e o da “**animação**” dos elementos da composição mediante a tecnologia. Arriscaríamos dizer que, em certo sentido, o termo **anima como a alma dessa relação intersínica**.

No planejamento da mensagem os elementos amalgamados compõem uma **arquitextura**, ou seja, uma combinatória de elementos animaverbivocovisuais. A arquitetura é compreendida finalmente como uma combinação estética dos elementos criativos, movidos em “**ânima**”, compondo uma mensagem única, na **relação intersínica**, defendida por Philadelpho Menezes.



FERNANDO AMARAL – ideograma verbal

A AV3, como pretendemos, permite a *poiesis* e a *virtua*, a **criação e sua virtualização**, combinando fatores estéticos e éticos em composições híbridas de alcance ilimitado em termos expressivos: a animaverbivocovisualidade; que acontece no campo digital, mas que **também pode associar-se a elementos físicos**, nas expressões artísticas e científicas: performances, projeções sobre objetos, “instalações urbanas”, sons e até tato e olfato...



GABRIELA MARCONDES

<http://www.youtube.com/watch?v=SPIOQfSPqfk>

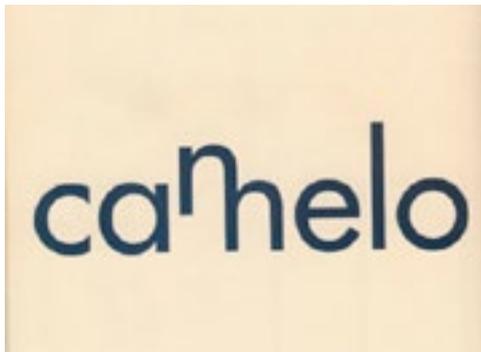
O **hipermodernismo** marca uma nova era nas comunicações e acesso à informação, considerando que o pós-modernismo terminou no século passado e levou consigo antigos métodos de organização e tratamento de informação, sejam eles aplicados ao contexto científico, artístico ou na literatura e nas práticas criativas ainda sem um planejamento de amálgamas multissensoriais na arquitetura aqui anunciada. Vale dizer, **criando simulações e alternativas de comunicação fora dos padrões convencionais**, para estimular de forma mais integrada os sentidos humanos. Nessas situações **é preciso treinar o olhar e a percepção para a assimilação dos conteúdos**.

“O poeta inscreve, modela, geometriza, diagrama sobre a superfície plana da página, dos muros, da tela ou parte para suportes mais amplos como o disco sonoro, o cinema e o vídeo, e à publicação digital, com recursos multimídia e holográficos... agora vale tudo no processo de criação e expressão...” (MIRANDA, 2013).



LETRISMO – OS GÊMEOS

É PEIRCE quem nos fornece as bases para um entendimento efetivo dos diversos códigos (ou semias: sistemas de signos) e suas relações. Partindo sempre do ícone, o signo da atividade criadora, seja ela artística ou científica. **Na semiologia a iconicidade é a propriedade que tem o signo icônico de representar por semelhança o mundo real:** SEMIOSE – além da representação... *semiotifixação*



GUILHERME MANSUR

Quem avança na discussão da inter-relação necessária entre arte e ciência, buscando estimular a academia a pensar seu processo criativo, é o físico **Roland de Azevedo Campos**. Convencido de que **não há ciência sem o recurso da arte e não deve haver arte sem o apoio da ciência e da tecnologia**, no livro *“Arteciência – Afluência de Signos Co-Moventes”* (2003), o autor leva o leitor a percorrer esses espaços de convergência científico-poético-músico-pictóricos. Segundo Campos, é o que ocorre quando ideias/fórmulas físico-matemáticas coparticipam de poemas, ou quando imagens poéticas percorrem e inspiram tópicos da física. Essa transemiose oxigena e adensa os conteúdos.



RODOLFO FRANCO

4 – O AV3 e a Teoria do Conhecimento Objetivo de POPPER

Devemos invocar a Teoria do Conhecimento Objetivo, de Karl R. Popper, para entender o espaço da AV3. Popper, em sua teoria, identificou três mundos:

1 – o **mundo físico**, que “*distinguimos em corpos animados e inanimados e que também contém estados e eventos especiais, como tensões, movimentos, forças, campos de força*”;

2 – o **mundo metafísico**, das “*vivências conscientes e, presumivelmente, de vivências inconscientes*”;

3 – do **conhecimento registrado**, “*dos produtos objetivos do espírito humano, originários da ação do mundo 2*”.

Ou seja, a **materialização ou coisificação do conhecimento mediante sua inscrição** (ex. livros) “*que **consiste em atos linguísticos**, que são também coisas físicas, processos que se efetuam no mundo 1*”. Devemos reiterar que, neste caso, sempre existe uma base física – que chamamos de **suporte** – e a **mensagem** disposta no processo comunicativo.

Poema visual atribuído a CLEMENTE PADIN – URUGUAI: (videopoema), elaborado pelo artista multimídia Eduardo Darino: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/poedigital/poedig001.htm>

O conhecimento digitalizado, no século passado, apenas começava sua virtualização pela computação, em certa medida limitada às letras e números, signos e símbolos de representação, no processo convencional de registro. Atualmente, porém, **os avanços tecnológicos permitem a amálgama de textos, imagens e sons mediante a convergência tecnológica e sua algoritimização**.

Em etapa mais avançada da exposição, Popper (p. 39) já considera “*a parte imaterial, o lado imaterial do mundo 3*”, reconhecendo um impacto sobre a nossa consciência. Ou seja, a **criação de outra realidade**, produto da criatividade e da sensibilidade. Agora com mais recursos à disposição de artistas e cientistas, e até mesmo de qualquer pessoa que deseje ingressar no processo criativo, aberto pela democratização dos meios de informação e comunicação.

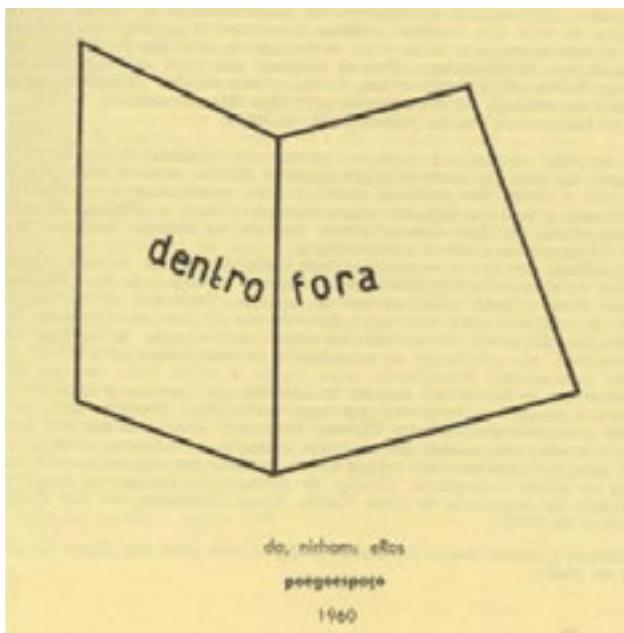


A partir dos conceitos de Pierre Levy, **o virtual não se opõe ao real**. O virtual é sempre uma potência, uma possibilidade do ser, da entidade concebida no mundo 2, anterior à sua realização no mundo 3. E o registro no mundo do conhecimento objetivo requer meios e **capacidades de inscrição, cujos recursos vêm se expandindo** com o avanço das teorias, das metodologias e das tecnologias ao alcance dos criadores, mas que também dependem de sua capacidade intelectual (mundo 2).

O processo de virtualização sendo uma heterogênese, um devir outro, processo de acolhimento da alteridade, entendendo heterogênese como a variação na concepção e expressão, ou seja, **as diferentes maneiras de manifestação de uma ideia**.

Da, nirham: eRos (pseudônimo de ANTONIO MIRANDA) divulgou, em 1970, um poema visual que ilustra a ideia da perspectiva ilusória, ressaltada por Roberto Pontual, um dos grandes estudiosos das vanguardas brasileiras, na revista VOZES:

“O panorama da nossa poesia veio sofrendo uma transformação que, hoje como nunca, se apresenta de modo radical e que teve sua base mais imediata nas ideias lançadas há cinco anos atrás pelo movimento concreto e posteriormente desenvolvidas em sentidos diversos pelo grupo neoconcreto.” “Mas há também os que, arregimentando procedimentos específicos de uma e de outra tendência, procuram reuni-los numa síntese cujos resultados são, algumas vezes, bem interessantes. É o caso, como iremos verificando, do POEGOESPACIALISMO [do grupo liderado por Da Nirham Eros].”(PONTUAL, Roberto)



Em suma, a inscrição depende da alma (alma) do criador e dos recursos ao seu alcance no processo criativo (poiesis), ou seja, uma ideia pode expressar-se de diferentes maneiras, mais ou menos eficiente conforme as faculdades e condições do criador, sujeitas a críticas, refutações e transformações.



RUBENS JARDIM, na exposição OBRANOME, Museu da República.

No livro sobre “Práticas da leitura” (organizado por Chartier e Guglielmo Cavallo, com a colaboração de Pierre Bourdieu, etc.), estudiosos de disciplinas diversas que tentam elucidar os modelos e efeitos, mediante a leitura. **Leitura** compreendida como um ato que surge da mediação, ato de decifrar signos que traduzem uma linguagem. Não se trata apenas de entender (ler) o mundo pelo prisma de um autor (ou autores), mas também **captar essa linguagem que se expressa através de signos (em registros) e que pode tornar fluida a ação comunicativa**. Leitura também como processo dinâmico de aprendizagem, construída pela definição de padrões e códigos (...) Essa intimidade do leitor agora integra um espaço de “**convivência virtual**” onde os internautas e seus pares compartilham experiências e saberes para além dos espaços convencionais.



GÓMEZ DE ZAMORA - ESPANHA

É a **comunicação extensiva**, um processo que avança com a instrumentalização de sistemas abertos, cooperativos e de compartilhamento de dados:

*“É a interação de emissores e receptores com uma lógica hipertextual, pontual e objetiva em suas metas, mas efêmera, sem estoques e em constante mutação. Pontual e precisa é também uma mediação transitória. É **um entrelaçamento de pessoas e de ideias em sistemas complexos** que tentam responder sincronicamente às demandas de seus usuários” (SIMEÃO, 2006).*

5 – Os elementos da ANIMAVERBIVOCOVISUALIDADE

O AV₃ e a HIPERTEXTUALIDADE

A hipertextualidade, segundo Simeão (2006) pode ser compreendida como a possibilidade da **interconexão de conteúdos múltiplos**. Uma linguagem que atende às necessidades de informação do usuário levando à construção de um discurso personalizado e, em muitos casos, único. A principal característica desse indicador é o **direcionamento intertextual construído por meio de links conceituais**.



WAGNER BARJA – AKD-MICO (1986)

O AV₃ e a HIPERMIDIAÇÃO

A hipermídiação é a combinação da informação em suas múltiplas dimensões. Texto, imagem e áudio são utilizados na construção do conteúdo **numa lógica discursiva não linear que obedece aos comandos do usuário**. Há, de fato, operacionalmente, uma preocupação estética de construção, mas distingue-se da anterior por concentrar-se na capacidade de promover a construção de conteúdos em bases meta-textuais.

O AV3 E A INTERATIVIDADE

Compreendida como a possibilidade de **diálogo entre o usuário (interpretante) e os sistemas**; e de usuários entre si por meio de sistemas com ferramentas que promovem um contato temporário ou permanente, respondendo também dúvidas sobre o sistema e sua utilização, seus produtos e serviços de informação. A principal característica deste indicador é a interação do sistema com seus usuários, sejam eles emissores ou receptores, **fundamental no processo de ensino-aprendizagem**.

DANIEL RETAMOSO PALMA – INFOPOEMA (vídeo)

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/daniel_retamoso_palma.html

Algoritimização versus parametrização como uma permanente necessidade de vinculação dos conteúdos a uma lógica computacional.

“Embora os sistemas inteligentes apontem, no caso da modelagem de prognóstico, para uma predominância de inferências indutivas fundamentando a predição, há usos da tecnologia para descoberta de novos padrões, em que o sistema é convidado a contribuir com os primeiros parâmetros de informação. É neste sentido que cabe perguntar os limites entre o humano e o maquínico, já que estes parâmetros interferem na ordem das decisões humanas.” (EDMOND, 2012)

Nesse contexto, a ciência progrediu porque há **uma dialógica complexa permanente** (E. Morin) e a regulação se dá pelo diálogo. Esse relacionamento também comporta a ideia de que os antagonismos podem ser estimuladores e reguladores. Lembrar as “conjecturas e refutações” da Teoria do Conhecimento Objetivo, de Karl Popper.

O AV3 E A HIPERATUALIZAÇÃO

Atualizar é alterar, **mudar para agregar valor**. E esse é o principal objetivo das atualizações nos sistemas automatizados que processam as informações atuais... provocando aceleração do obsolescência do registro original ou seu descarte. Em cada nova versão são introduzidas alterações não só nos conteúdos dos registros, mas na sua estética e conformação:

Chamamos de hiperatualização em tablets a atualização em tempo real, nos moldes da internet, para todo o conteúdo disponível e com alta frequência ao longo do dia. (BOTÃO, 2013)

Essa discussão transposta para o ciberespaço é um exercício ainda em curso – que vem incentivando os pesquisadores a pensar **a memória social como um composto em**

movimento, distanciando-se do sentido de acumulação característico das sociedades da escrita (DODEBEI & GOUVEIA, 2008).

Henri Bergson e Maurice Halbwachs afirmam, na mesma direção, que a **memória social vem migrando de uma concepção individual para uma composição coletiva**, modelada pelas tecnologias digitais.



E ainda: **hiperatualização como uma constante relação entre passado-presente-futuro**, um vir-a-ser perene que invoca o conhecido e projeta novas dimensões no processo de interpretação dos fenômenos em observação e conseqüente construção de conteúdos para a memória pública e a comunicação. Na visão de Maurice Halbwachs a memória coletiva surge da interação social.



LINDOLFO BELL – POEMA-OBJETO EM ACRÍLICO

O AV3 E A MOBILIDADE

Mobilidade é a **possibilidade de transmitir e receber conteúdos em dispositivos portáteis** e também facilmente ajustados ao perfil e contexto de uso, por meio de ferramentas e aplicativos (APPs) configurados pelo usuário e que ampliam e agregam valor ao dispositivo (móvel).

Na Educação, complementando o conceito de *e-learning*, surge o *m-learning*, como um sinal claro de que a tecnologia feita para a **construção de conteúdos de educação a distância se alinha aos dispositivos das novas gerações, exigindo estratégias pedagógicas diferenciadas e recursos tecnológicos específicos**. Com as vantagens das diferentes possibilidades ergonômicas de cada dispositivo.



JOAN BROSSA – ESPANHA

André Lemos (2008, p. 98) apresenta **três tipos de mobilidade**: a mobilidade **física/espacial** (locomoção, transporte), a mobilidade **cognitiva/imaginária** (pensamentos, religião, sonhos) e a **mobilidade virtual/informacional**. O autor entende as mídias, tanto as massivas quanto as pós-massivas (da invenção do alfabeto até a Internet), como artefatos de mobilidade informacional no espaço e no tempo. Parte-se do princípio de que hoje a produção ou registro de informação (conteúdos), coleta, organização, recuperação, interpretação, transformação e transmissão da informação estão sendo significativamente afetadas pela possibilidade da comunicação em movimento.



EDUARDO SCALA – ESPANHA – montagem de poema visual na fachada do Instituto Cervantes, em Madri.

O AV3 e a **UBIQUIDADE**

A ubiquidade na teologia é a faculdade divina de estar concomitantemente presente em toda parte (HOUAISS). Com essa perspectiva, e com o apoio das tecnologias, também temos o **poder de estar ou existir concomitantemente em todos os lugares**. No mesmo conceito aponta-se também a grande rapidez com que se domina um espaço, seja pelo monitoramento ou mesmo pela possibilidade de incorporá-lo como domínio.

O etnólogo e antropólogo francês Marc Augé, em seu livro “*Não-lugares*” de 1995, cunhou o termo “não-lugar” para se referir a lugares transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como “um lugar”, por exemplo, um quarto de hotel, um aeroporto ou supermercado, um avião em movimento, etc.

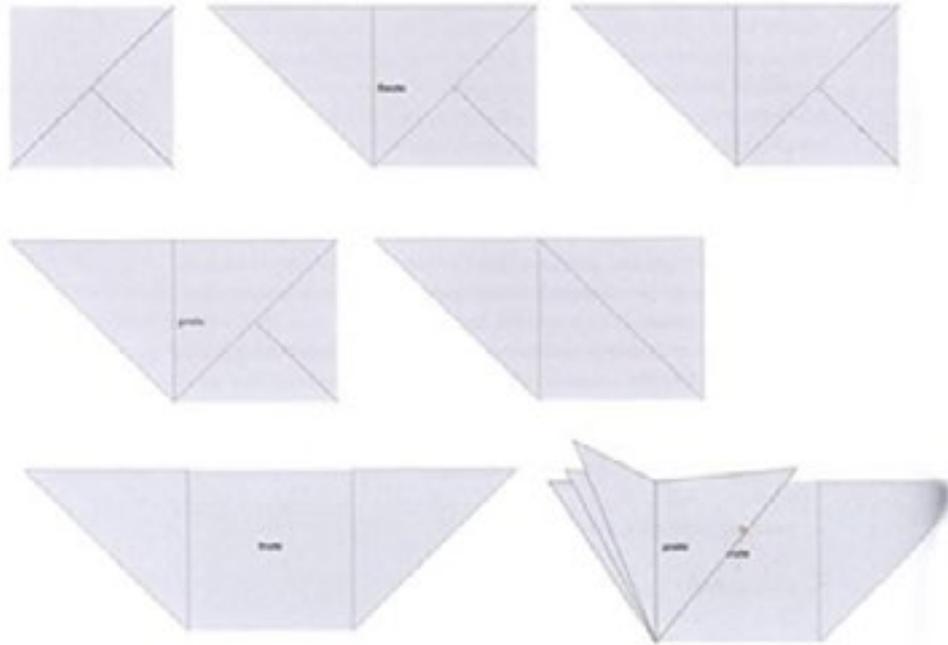


FALVES ALVES – POEMA-PROCESSO

Efetivamente, **estamos presenciando um deslocamento** do antigo conceito de disponibilidade documentária, concebida como um esforço da organização da massa documental para colocá-la à disposição dos usuários – para uma nova dimensão, graças às tecnologias. O disponível estava fisicamente limitado ao local de armazenagem, enquanto **no mundo digital o disponível torna-se ubíquo e múltiplo, acessível de qualquer lugar**, dependente dos recursos e das habilidades dos usuários. Em outros termos, saímos do acanhado universo de “poucos para poucos”, em que especialistas produzem para poucos leitores, passamos para o estágio de “muitos para muitos” graças à universalização do ensino, da pesquisa e da extensão e da difusão do conhecimento. Atualmente alcançando um público abrangente, com informações multidimensionais, estamos agora na direção de uma comunicação integrada “de todos para todos”, numa sociedade interativa, e até virulenta, que surge na sinergia do processo criativo.

Como previu Ioneji Masuda, pioneiro da sociedade da Informação, **os processos comunicativos incorporam processos produtivos híbridos, ubíquos e de atualização constante** (MENDONÇA, 2007).

DE POUCOS PARA POUCOS (antes da tipografia)
DE MUITOS PARA MUITOS (na pós-modernidade)
DE **TODOS PARA TODOS** (na hipermodernidade)



FERREIRA GULLAR – PEOMA ORIGAMI

O AV3 E A **MULTIVOCALIDADE** (Todos - Todos)

Retomando as ideias de Karl Popper, a construção do conhecimento é um permanente processo de atualização do mundo 3, por meio da experiência do mundo 2, para chegarmos ao conceito de multivocalidade. Como explica Barreto:

*Conhecer é um ato de interpretação individual, uma apropriação do significado do conteúdo pelas estruturas mentais de cada sujeito. A geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do indivíduo, o que se realiza através de suas competências cognitivas; é uma modificação no estoque mental de saber acumulado, resultante de uma interação com uma estrutura de informação. **O conhecimento só se realiza na consciência dos receptores, sendo, portanto, subjetivo e relativo a cada indivíduo.** (Mundo 2)*

DADOS – INFORMAÇÃO – CONHECIMENTO



AUGUSTO DE CAMPOS – JULIO PLAZA: POEMOBILES

No **contexto das redes**, por meio da navegação, com um conjunto de links, externos e internos, **gera-se um mecanismo de comunicação que aciona vários discursos**, tornando-se um dispositivo de comunicação polifônica. Segundo Miranda e Simeão

“Esta multivocalidade é, em essência, aquilo que as metodologias (pedagogicamente falando) deveriam explorar melhor, conformando-se às expectativas de muitas teorias e estudos que atestam a possibilidade da instrumentalização dos discursos híbridos e de uma inteligência coletiva”.

O sociólogo Pierre Lévy, filósofo francês da cultura virtual contemporânea, defende a existência de uma **inteligência coletiva**. O conhecimento coletivo é construído (via TIC) em bases inter e transdisciplinares, numa multivocalidade de autorias.



AUGUSTO DE CAMPOS – JULIO PLAZA: POEMOBILES

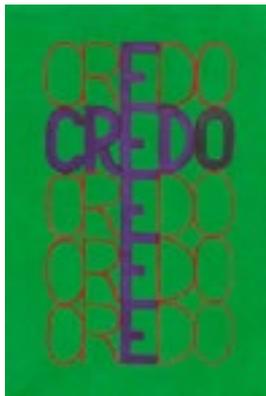
Segundo Lévy a comunicação atual permite o que sempre postulou: “**onde o coletivo inteligente pode inventar uma 'democracia em tempo real', uma ética da hospitalidade, uma estética da invenção, uma economia das qualidades humanas**”. O autor situa o projeto da inteligência coletiva em uma perspectiva antropológica de longa duração, pelo intercâmbio de conhecimentos. Então existem: **a potência computacional, a comunicação ubíqua por internet e a capacidade quase infinita de guardar informações...** Com esses três aspectos nós temos um novo ambiente de comunicação, e esta é a base técnica para o desenvolvimento de um novo tipo de inteligência coletiva. Essa criação intertextual reúne **numa cadeia produtiva em que os autores podem vir de diferentes áreas**.

O que vale é a complementaridade de ideias no processo criativo. Uma concepção de “rede”, já defendida por Castells. Lévy é seguidor das ideias de Michel Serres e Cornelius Castoriadis e cunha o termo “**inteligência coletiva**” dando mais lastro à ideia de rede coletiva de conhecimento e criação, o espaço ideal de multivocalidades.

Para analisar e explicar as interações entre Internet e Sociedade, desenvolveu um conceito de rede, juntamente com Michel Authier, conhecido como *Arbres de connaissances* (**Árvores do Conhecimento**).

Esta multivocalidade é definida por Lemos et alli como uma técnica de vincular discursos diversos e até contraditórios. Para estes autores, a técnica **deve ser explorada em experiências de educação online** porque viabilizaria um conhecimento mais completo (e complexo) já que poderia expor versões complementares de um tema, **deixando ao aluno a possibilidade de efetuar suas próprias sínteses e combinações**.

A associação de conceitos e a busca de estratégias que promovam ações interdisciplinares fazem parte da filosofia “mestiça” que norteará as ações empreendidas nesta “arquitetura de complexidades”. Lévy adverte que um dos principais objetivos da educação formal é **fornecer aos jovens uma disciplina cognitiva, sem a qual não se consegue nada**.



ANTONIO MIRANDA – CREDO CRUZ – CRUZ CREDO

6 – CONCLUSÃO

Estamos na hipermodernidade, e o mundo digital amplia as nossas perspectivas criativas tanto individuais quanto coletivas. Ninguém cria no vácuo, vivemos numa cultura hipermediática, e a construção se projeta na combinação irrestrita de recursos ao nosso alcance: a *esfera semântica* proposta recentemente por Pierre Lévy depois de quatro décadas de estudos das fronteiras do universo digital e virtual em que vivemos:

“Na medida em que a humanidade é uma espécie social especializada na manipulação simbólica, a nova disponibilidade de autônomos capazes de aumentar a nossa potência de tratamento de símbolos, casada às telecomunicações e ao estoque de informação em grande escala, anuncia uma transformação de grande escala. A inevitável metamorfose cultural mundial (de que nós só observamos o tímido começo no início do século XXI) se estenderá necessariamente por diversas gerações” (LÉVY, p. 28)

E Lévy conclui que não podemos mais entender a nova realidade olhando, pelo retrovisor, os conceitos das “escritas estáticas e das comunicações unidirecionais”, ou seja, devemos antever uma nova dimensão na criatividade humana, incluindo a poesia. Sem descuidarmos da *psyché* (espírito), da *anima* (alma) que “**evoca essa corrente de atração entre a imagem e o conceito, essas forças de repulsão ou de gravitação entre ideias, entre “perceptos”**”.

Com a possibilidade de reunir formatos, conteúdos e temas das mais diversas áreas do conhecimento em diferentes situações, cria-se um cenário de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade conjugado com qualquer tipo de suporte e de informação, em função da convergência tecnológica. Voltamos à AV3 e ao hibridismo, hibridismo múltiplo, com vários níveis da realidade, entre os signos textuais, sonoros e visuais que circulam por todas as partes:

*Do mesmo modo, desde a revolução industrial que, no mundo da linguagem, fez emergir o jornal, seguido do cinema, do rádio e da televisão, a tendência das mídias tem sido **a crescente hibridização de linguagens**, numa direção que a revolução digital está cada vez mais explorando no limite de suas possibilidades. (SANT’AELLA, 2010, p. 95)*

Lembrando que o pensamento complexo (MORIN) não se limita ao âmbito acadêmico: transborda para os diversos setores da sociedade. E com isso **questiona todas as formas de pensamento unilateral, dogmático, unilateralmente quantitativo ou instrumental**. Um desafio à própria democracia.

“BASTA!!!” – POEMA VISUAL DE ANTONIO MIRANDA

Videopoema: http://www.antoniomiranda.com.br/da_nirham_eros/poego_spaco.html

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. III p (Coleção Travessia do Século).

BARRETO, Aldo. *Fronteiras da ciência da informação. Uma análise sobre a importância e a urgência de controle dos conteúdos em formato digital na Internet*. Sarita Albagli, organizadora. – Brasília, DF: IBICT, 2013. 260p.

CAMPOS, Roland de Azevedo. *Arteciência – afluência de signos co-moventes*. São Paulo: perspectiva, 2003. 160p. ISBN 85 273 06689.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

CHARTIER, Roger. *Navegar é preciso. Entrevista*. Disponível em: <<http://babel.no.com.br>>. Acesso em: 2001.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação*, v.9, n. 5 out. 08.

FENELLOSA, Ernest. “Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia”. In: *IDEOGRAMA; lógica, poesia, linguagem*; org. Haroldo de Campos. São Paulo: Edusp, 2000. p. 109-148.

LEVY, Pierre. *A esfera semântica. Tomo I : Computação, cognição, economia da informação.* São Paulo: Annablume, 2014. 522 p (Coleção Atopos) ISBN 978-85-391-0630-1.

MASUDA, Ioneji. *A sociedade da Informação como sociedade pós-industrial.* Rio de Janeiro, Rio, 1982.

MENDONÇA, Valéria. *Os processos de comunicação e o modelo “todos-Todos”: uma relação possível co o programa saúde da família.* Brasília: CID/UnB/Nesp, 2007. Acessível em <http://issuu.com/antoniomiranda/docs/o_processo_de_comunicacao_e_o_modelo_todos_todos>.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual.* São Paulo: Editora Ática, 1998. 144 p. ISBN 85-08-07211-2.

MIRANDA, Antonio. Criatividade e poiesis: *Poesia visual e animaverbivocovisualidade - a convergência tecnológica no campo digital.* Acessível em <<http://prezi.com/j3ks-w7swktn/criatividade-e-poiesis/>>.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 72 p.

PONTUAL, Roberto. *Obra crítica / Organização Izabela Puru, Jacqueline Medeiros.* Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013, ISBN 978-85-7920-127-0.

POPER, Karl R. *Conjecturas e refutações.* Brasília: Editora da UnB, 1980. 449 p.

POPPER, Karl R. (1986) - *Objective knowledge : an evolutionary approach / Karl R. Popper.- [Rev.ed.]*- Oxford : Clarendon Press, [1986].- X, 395 p.

SANTAELLA, M. L. ; Santaella, Lucia . *Téoria geral dos signos. Semiose e autogeração.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. 199 p.

SIMEÃO, Elmira. O modelo de comunicação extensiva e as implicações no contexto da comunicação científica: metodologia para mensuração de indicadores do formato eletrônico em rede. In: *CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA, 1.*, 2006, Brasília. Anais... Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

